

EXPERIÊNCIA DO OLHAR

Jean Carlo Bris da Rosa¹
Alexandre Rafael Garcia²

RESUMO

Diariamente, somos bombardeados por uma imensa quantidade de imagens vindas dos mais diversos meios de comunicação, em uma tempestade de informações que nem sempre são absorvidas de maneira adequada por uma pessoa. Existe uma urgente necessidade de educar o olhar do indivíduo para filtrar aquilo que ele consome e sensibilizá-lo para o conteúdo que se enxerga em todos os cantos e a todo instante de nossas vidas. “Educação audiovisual” é um projeto de iniciação científica da FAE Centro Universitário, vinculado ao curso de Produção Multimídia, com finalidade exploratória, que busca traçar um panorama do uso do audiovisual na educação fundamental e média. A metodologia utilizada passa pela pesquisa bibliográfica de obras que relatavam experiências que já foram realizadas e estudos de casos de projetos bem-sucedidos. Utilizou-se o método de pesquisa *survey* para fazer o levantamento quantitativo de amostragem não probabilística tipificada, para confirmar a hipótese de que o audiovisual é utilizado em sala de aula, mas não de forma efetiva, limitando-se a ilustrar o conteúdo de diversas disciplinas, mas nunca se atendo a sua própria forma da mídia.

Palavras-chave: Audiovisual. Educação. Multidisciplinar. Cinema.

¹ Aluno do 3º período do curso de Produção Multimídia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail*: jean.bris@gmail.com

² Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: alexandre.garcia@fae.edu

INTRODUÇÃO

É ponto pacífico que no século XXI o audiovisual é a mídia pragmática de nossa sociedade (JAMESON, 1997). Mas, nas instituições de ensino brasileiras – sejam elas de nível fundamental, médio ou superior – a utilização dos recursos audiovisuais ainda é subaproveitada. Projetores multimídias e apresentações em Power Point se tornam cada vez mais corriqueiros, mas este uso ainda está longe do potencial educativo do audiovisual como um todo – como narrativa, como linguagem e como estética.

Dada a juventude do audiovisual,³ ainda são poucos os estudos formais e as publicações a respeito da sua relação com a pedagogia e com a educação. Portanto, muito das práticas pedagógicas envolvendo essa tecnologia ainda são instintivas e desbravadoras. Esta pesquisa pretende identificar os motivos da ainda pouca utilização do audiovisual nas salas de aula e descrever as experiências extraordinárias que se comprovaram bem-sucedidas.

Compreender todo esse panorama é fundamental para estabelecer as possibilidades de aplicação de novas práticas pedagógicas. Por isso, percorremos um caminho não habitual: a partir da compreensão tecnológica e estética, buscaremos introduzir o audiovisual como um elemento pedagógico e transformador, e não somente utilizá-lo como ferramenta para conteúdos pré-determinados.

Hoje, a sociedade é baseada na mídia eletrônica e digital, enquanto o ensino nas escolas é literário e não raramente analógico. Ensina-se a ler (Português e outras línguas) e a realizar cálculos matemáticos, mas não se ensina a interpretar as imagens às quais os alunos inevitavelmente são submetidos por meio de seus celulares, *tablets*, *notebooks*, televisões e inúmeras telas – tanto em casa, na rua ou na escola.

Já não é sustentável manter uma postura passiva diante do oceano de informações e imagens que recebemos todos os dias. Buscar maneiras para suprir essa demanda impreterível da educação do olhar exige, antes de mais nada, a compreensão do potencial expressivo da linguagem audiovisual alcançada pelo estudo bibliográfico e da análise de dados colhidos junto aos educadores.

É fundamental ressaltar que assumimos o audiovisual como uma mídia genérica que abrange desde vídeos diversos do YouTube, passa por toda a gama de conteúdo televisivo e chega até ao cinema. Desse modo, optamos por delimitar nossa pesquisa a partir do estudo do cinema, como história e estética, para evitar que fôssemos submetidos a resultados muito amplos e imprecisos nesta primeira iniciativa de desbravamento do tema.

³ O cinema surge em 1895, com a primeira exibição pública dos Irmãos Lumière, na França. Em 1927 se consolida o cinema sonoro nos Estados Unidos e a expressão audiovisual só se populariza na década de 1980.

Esta pesquisa se nutre das poucas referências bibliográficas que abordam a ligação entre audiovisual e a educação; do trabalho de produção audiovisual com crianças e adolescentes em diferentes projetos sociais; e do levantamento de dados com professores de diferentes disciplinas do ensino fundamental e médio na cidade de Curitiba. Constatase que, no panorama educacional contemporâneo, o audiovisual é muito utilizado como ilustração de diferentes fatos e temas (literários, históricos, geográficos etc.), mas pouco analisado e trabalhado como forma (é pouco discutido a partir da estética, em termos de produção e de crítica).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A EDUCAÇÃO DO OLHAR

A vida moderna é um mar de imagens. Nossos olhos são inundados por figuras reluzentes e blocos de texto explodindo sobre nós por todos os lados [...]. Como sobreviver nesta era da vertigem? Precisamos reaprender a ver. Em meio a tamanha e neurótica poluição visual, é essencial encontrar o foco, a base da estabilidade, da identidade e da direção na vida (PAGLIA, 2014, p. VII).

Somos constantemente inundados por informações e conteúdos provindos dos mais diversos meios, plataformas e dispositivos. Nesse cenário, o audiovisual ganha muita força, principalmente por conta do acesso facilitado que temos a ele. Televisores, *tablets* e *smartphones* reproduzem vídeos da internet por meio de canais como Vimeo ou YouTube. As conexões de banda larga e *wi-fi* permitem a rápida visualização, e o advento dos dados 4G tornou possível assistir vídeos com alta qualidade em qualquer lugar que possua cobertura das operadoras de telefonia e internet (OLHAR DIGITAL, 2015).

Essa torrente inesgotável de informações, especialmente recebidas por nós na forma de audiovisual, acaba gerando uma série de deslumbrantes distrações que causam inadvertidamente um sistemático desinteresse a respeito das mais diversas questões de nossa sociedade, sejam elas culturais, sociais ou filosóficas (PAGLIA, 2014). Foca-se no consumo indiscriminado de conteúdo, mas acaba-se pensando pouco sobre os nuances e detalhes daquilo que vemos, limitando-nos a interpretações não raramente rasas em um cenário no qual é comum se ignorar questões pertinentes do subtexto de uma obra. Torna-se inegável a necessidade de educar o olhar dos indivíduos em nossa sociedade para alcançar uma sensibilização daquilo que se enxerga.

Nas escolas brasileiras ensina-se a ler e escrever o Português, a fazer cálculos matemáticos e todos os outros fundamentos das disciplinas básicas. No entanto, não se ensina a ver e interpretar os conteúdos audiovisuais aos quais somos bombardeados diariamente. Muito menos é ensinado na escola produzir conteúdo audiovisual. Cinema e audiovisual ainda não fazem parte do currículo básico escolar; também não são cobrados nos vestibulares. Por isso, uma maneira de conhecermos melhor nosso mundo e nossa sociedade é abrindo os olhos para toda a profundidade da produção audiovisual que inunda nossos sentidos, mas que normalmente é ignorada nas salas de aula – o local de onde justamente deveriam partir as iniciativas de desbravamento das possibilidades pedagógicas dessa mídia.

1.2 UM BREVE HISTÓRICO DO AUDIOVISUAL

Antes do audiovisual, veio o cinema como espetáculo coletivo em 1895, com os irmãos Auguste e Louis Lumière e seu “cinematógrafo”, na França, realizando a primeira exibição pública que se tem registros: no Grand Café, em Paris. Eles apresentaram ao público *A chegada do trem à estação (L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat)*, breve e simplório registro documental da chegada de um trem à estação (MASCARELLO, 2006).

O cinema surgiu mudo, embora jamais tenha sido “surdo” (já que suas exibições eram acompanhadas de música ao vivo) e manteve-se dessa forma até 1927, quando surgiu a exibição de filmes com áudio em sincronia, proporcionada pela inserção de uma faixa magnética na lateral da película fílmica que permitia ao sistema de projeção exibir o filme com som.

O audiovisual, enfim criado, passou por inúmeras transformações entre 1927 até o início do século XXI. Após ganhar cores nas telas do cinema, mudou seu formato para se adequar às telinhas das televisões em transmissões ao vivo ou gravadas. Anos mais tarde, dinamizou sua capacidade de reprodução pelo videocassete, que permitia ao público assistir aos filmes e às mais diversas produções em casa repetidas vezes, alterando, neste ponto, a forma como as pessoas se relacionavam com o audiovisual. O leque de possibilidades de consumo dessa mídia se amplificou com o advento do DVD, o pioneiro entre os formatos digitais que se alastrariam dali em diante até chegar às plataformas de exibição de filmes na internet, como o YouTube e a Netflix. Aqui também quando falamos em *filmes* estamos usando a palavra como derivação de sentido e nos referindo a quaisquer obras audiovisuais – de longas-metragens ficcionais a comerciais de trinta segundos.

1.3 O CHOQUE DE GERAÇÕES E OS NATIVOS DA ERA DIGITAL

Diversos gestores e educadores tentam compreender o panorama e as novas gerações que consomem audiovisual em diferentes formas todos os dias, mas isso não é tarefa fácil. É preciso levar em conta que os adultos de hoje não racionalizam como as crianças contemporâneas, membros legítimos da primeira geração de pessoas que já nasceram em um mundo globalizado e com uso comum e constante da tecnologia.

Estamos falando de crianças e adolescentes com pouca paciência para leitura, ansiosos, que mantêm abertas inúmeras janelas em seus navegadores e realizam diversas tarefas simultâneas em seus computadores ou celulares. O pensamento linear comum a gerações passadas talvez não seja mais compartilhado com as gerações atuais, que crescem em meio a *hiperlinks* e a uma tempestade de informações atualizadas incessantemente. Os **imigrantes digitais**, como podemos chamar àqueles que nasceram em um mundo analógico, tiveram que se adaptar ao mundo digital, mas ainda mantêm determinados comportamentos como imprimir *e-mails* para leitura, enquanto as novas gerações nativas do mundo digital produzem conteúdo próprio instintivamente (LEMOS, 2009).

Hoje presenciamos uma barreira especial entre as gerações. Isso prevalece especialmente no caso das habilidades operacionais das mídias, estando as crianças e os jovens muito à frente dos adultos na experimentação e no uso de computadores e celulares, principalmente em termos de comunicação. Os meninos e as meninas são o pelotão avançado, enquanto pais e professores os assistem cruzar velozmente as novas paisagens midiáticas, tentando alcançá-los (CHRISTENSEN; TUFTE, 2005, p. 100).

Grande parte dos adultos sequer têm ideia do que sejam *videologs* e *gameplays*, mas estes são fenômenos contemporâneos que muitas das crianças urbanas estão interessadas hoje. São obras audiovisuais, mas que possuem pouca ligação com a história do cinema.

Um vídeo de *gameplay* é o puro registro de alguém jogando algum *game* específico. As imagens mostram unicamente o jogo. No primeiro momento, esses vídeos fazem sucesso porque apresentam soluções às dificuldades que outros jogadores encontram – se tornando uma espécie de ajuda *on-line*. No segundo momento, alguns jogadores vão além e interagem de maneira diversa com os *games*, adicionando comentários em áudio e dramatização dentro do universo do jogo.

Videolog (ou *videoblog* ou *vlog*) são vídeos teoricamente pessoais publicados de maneira regular – o equivalente a um diário audiovisual público. No Brasil, nomes como Felipe Neto, Kéfera Buchmann, Christian Figueiredo e PC Siqueira, entre outros, são verdadeiros ídolos para uma multidão de jovens, com seus canais do YouTube (onde são veiculados a maioria dos vídeos), ultrapassando milhões de assinantes. Os vídeos são

centrados nos personagens falando para a câmera, de maneira pessoal e muitas vezes agressiva, sobre questões do cotidiano e da cultura *pop*. Se no início as produções eram amadoras e precárias, hoje são verdadeiras máquinas industriais, com equipes técnicas dedicadas e com finalidades puramente comerciais.

Outro fenômeno contemporâneo são os “canais de humor”, como *Porta dos Fundos*, *Parafernália* e *Galo Frito*. Estes grupos apresentam esquetes regulares na forma de vídeos ficcionais, em geral de um a três minutos, misturando diversas técnicas e estéticas da linguagem audiovisual. Podemos dizer que hoje, em termos de volume e de público, esse nicho é o grande reduto da produção audiovisual de ficção no Brasil, além das telenovelas da Rede Globo. Entretanto, também, suas finalidades são puramente comerciais e raramente apresentam algo de relevante em termos estéticos. O público consome tais obras pela familiaridade do consumo audiovisual (vídeos curtos, fáceis e palatáveis de se verem entre um clique e outro no computador) e pela atração imediata do humor óbvio e ligeiro.

Tal característica é um dos sintomas das atuais gerações: embora sejam submetidas a uma diversidade de informações, há dificuldade em cristalizar as ideias e refletir sobre aquilo que assistem (PAGLIA, 2014). Preferem permanecer estagnadas no conforto da fácil degustação audiovisual.

1.4 EXPERIMENTOS DA EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL

Se nos campos da Educação e da Pedagogia temos uma vasta bibliografia, no campo específico do audiovisual, vinculado a essas áreas, a discussão ainda é incipiente. A maior parte dos materiais disponíveis no Brasil são relatos de casos e registro de experiências – sugestões de atividades e exercícios, listagem de obras e temas possíveis de discussão. Por se tratar de uma mídia relativamente jovem (o cinema tem 120 anos; a televisão, no Brasil, menos de 70; e o YouTube, uma década), podemos considerar que a discussão sobre audiovisual ligado à educação ainda seja aprofundada e se torne cada vez mais comum.

No momento, pela relativa novidade da questão, não conseguimos definir uma didática “correta”. As experiências que temos contato são de certa maneira caóticas e experimentais. Nesse caso, ao se tratar de algo relacionado às artes e à produção experimental, o caos não é necessariamente algo ruim, como veremos a seguir. Um caminho que vem se mostrando positivo é o da sensibilização e da “alfabetização” midiática por meio de um método que combina produção e análise das obras, estabelecendo uma relação dialógica-crítica.

Uma referência com certa difusão no Brasil é o livro *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*, do francês Alain Bergala, lançado em 2008. A princípio, a obra não se difere da categoria “relato de experiência”, pois narra o trabalho desenvolvido por Bergala para o Ministério de Educação francês, entre os anos de 2000 e 2002. A diferença é que Bergala trabalhou por mais de 30 anos na área do cinema, sendo crítico da importante revista *Cahiers du Cinéma*. O seu trabalho com educação, portanto, foi uma transposição (e transformação) de suas reflexões prévias.

O autor apresenta sua obra:

Considero uma sorte, relativamente rara na vida, receber a proposta de colocar em prática as ideias surgidas em mais de vinte anos de reflexão, de experiências e de trocas numa área tão ingrata quanto a da pedagogia, em que todo mundo sempre recomeça do zero, e em que os ganhos da experiência se capitalizam, em geral, muito pouco, sobretudo num campo minoritário como o do cinema (BERGALA, 2008, p. 11).

Por não partir do trabalho com Educação, mas sim com o cinema, Bergala (2008, p. 30) aponta uma hipótese pedagógica peculiar, levando em conta o potencial artístico da mídia:

A arte, para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo, de desordem. A arte é por definição um elemento perturbador dentro da instituição. Ela não pode ser concebida pelo aluno sem a experiência de “fazer” e sem contato com o artista, o profissional, entendido como corpo “estranho” à escola, como elemento felizmente perturbador de seu sistema de valores, de comportamentos e de suas normas relacionais. A arte não deve ser nem a propriedade, nem a reserva de mercado de um professor e especialista. Tanto para os alunos quanto para os professores, ela deve ser, na escola, uma experiência de outra natureza que não a do curso localizado.

Parafraseando o cineasta Jean-Luc Godard, Bergala (2008, p. 30) pontua: “Pois existe a regra e existe a exceção. Existe a cultura, que é regra, e existe a exceção, que é a arte”.

Em outra linha do trabalho realizado pelo autor, temos aqui no Brasil o projeto “Imagens em Movimento”, programa que oferece oficinas de cinema para estudantes de escolas públicas cariocas, além de ofertar cursos de capacitação para educadores amantes do cinema enquanto arte e realizar eventos de exibição das obras produzidas durante esses processos.

O projeto atua em parceria com o programa internacional “Cinema, cem anos de juventude”, orientado pelo próprio Alain Bergala, e criado na Cinemateca Francesa, em 1995, que, atualmente, agrega diversas organizações dedicadas à pedagogia do cinema.

Cineastas, professores e estudantes de diversos países se unem para experimentar a aventura da (re)descoberta do cinema. Vários filmes são vistos, debatidos e realizados ao longo de um ano letivo, partindo de propostas pedagógicas compartilhadas, e os filmes que resultam deste processo são apresentados anualmente no Encontro Internacional na Cinemateca Francesa.

Entre os objetivos do projeto está o desenvolvimento da capacidade crítica e criativa dos alunos, oferecendo uma fundamentação para que os estudantes construam uma linguagem de criação própria e expressem as sutilezas de sua percepção em relação ao audiovisual. Cada um é convidado a expressar e realizar seus próprios conteúdos, estabelecendo, assim, uma relação entre aluno e professor, que age no sentido inverso à dinâmica tradicional de transmissão de conhecimentos pré-concebidos (IMAGENS EM MOVIMENTO, 2016).

Fica evidente a necessidade da prática da atividade cinematográfica e não apenas o ensino teórico. É comum os professores utilizarem filmes como suporte para algum tema discutido em uma disciplina, mas esses filmes acabam sendo explorados apenas no campo da análise hipotética, e por vezes isso pode se mostrar ineficaz, visto que apenas a experiência da prática pode elucidar aspectos que, de outra maneira, ficam no campo do achismo. Muitas vezes supõe-se que um diretor optou por determinado plano por diversos motivos, partindo do ponto de vista de espectador; no entanto, com conhecimento adquirido na prática, pode-se chegar a outras conclusões bem mais satisfatórias.

1.5 REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

No Brasil, a Lei Federal n. 13.006, de 26 de junho de 2014, em seu parágrafo 8º, determina que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”.

A prerrogativa imposta pela lei obriga a Escola de Educação Básica a se reeducar em seus tempos e espaços de aprendizagem. Trata-se de um conteúdo que, necessariamente, dependerá de uma nova concepção e de novas práticas de currículo, inter-relacionando o cinema nacional às práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, nos diferentes níveis de ensino. Junto ao componente curricular, faz-se necessário articular as determinações da lei aos processos formativos docentes também em nível escolar, isto é, como a escola de educação básica trabalhará seus professores para que eles façam comunicar com as suas práticas o cinema nacional, educando o “ver” dos alunos na dimensão estética, cultural, social e política, dentre outros.

Para dialogar com a população do século XXI, que se alimenta de obras audiovisuais, é positivo que se tente compreender a linguagem audiovisual e trabalhem com o seu potencial expressivo. Não somente substituindo o giz e o quadro negro por apresentações de textos (e eventualmente algumas figuras) intermediadas por projetores multimídias; mas conhecendo com propriedade a estética audiovisual – identificando seus componentes, seus procedimentos e o seu potencial – para melhor empregá-la como recurso transformador e educativo. Um filme, seja ele um longa-metragem ficcional ou um curta-metragem poético, se expressa não somente por seu conteúdo textual (literário), mas também pela montagem, pelo comportamento dos atores, pelos sons e pelo uso da fotografia. Em suma, um filme é objeto de conhecimento e de aprendizado, não somente por seu texto, mas também por sua forma.

Diversos pesquisadores e autores já afirmaram que o cinema é uma importante ferramenta de estudo da História. Entre eles, talvez o mais notório, o francês Marc Ferro consagrou a expressão de que todo filme é um documento histórico. Todo filme carrega em si traços do seu contexto de produção ao mesmo tempo em que pode retratar com muita propriedade uma época distante, com sons, imagens, cores e comportamentos que não são mais atuais. Não à toa, é comum a utilização de filmes em salas de aula regulares para “ilustrar” determinados momentos históricos – do Paleolítico à Segunda Guerra Mundial. Como “uma imagem vale mais que mil palavras”, poderíamos dizer que imagens, movimento, cores e sons combinados valem mais que livros inteiros.

No entanto, um filme norte-americano de 2014 sobre o Êxodo da bíblia hebraica talvez expresse mais sobre o seu contexto de produção do que sobre o Egito Antigo, pois filmes não são obras autônomas, mas sim criações sociais, deliberadas, refletidas e normalmente com fins comerciais. Também são assinadas por autores – portanto, carregam traços sensíveis de subjetividade. Assim, para fins didáticos, sempre devemos ter consciência das questões retratadas num filme tanto quanto da sua origem.

Assumir o audiovisual como fonte de informações sociais é uma importante via de conhecimento e transformação, mas não a única. Filmes também podem tratar da metafísica quanto das nossas emoções ou dos fenômenos naturais. E para isso não é necessário utilizar sentenças verbais, pois estamos falando de um meio audiovisual: formas, movimentos, cores, gestos e sons que se expressam de maneira diferente do que a linguagem verbal. O audiovisual parte de objetos brutos (as formas das coisas), que são intermediados (pelo produtor) e rerepresentados a um espectador. É uma relação dialética, em constante atrito e transformação.

A partir da mescla entre teoria e prática, é possível não apenas compreender melhor o cinema enquanto arte, como também todos os processos envolvidos que se constituem como alicerces da concepção de uma obra audiovisual. A compreensão dos mecanismos de produção é fundamental nessa empreitada pedagógica, pois o tema e a forma de um filme são expressivos (AUMONT et al., 2005), e é necessário tomar cuidado para não “imitar o inimigo”, ao focar confortavelmente no palatável cinema comercial americano ou, pelo contrário, demonizá-lo com o intuito de valorizar o cinema independente – que, por fim, acaba sendo desvalorizado num efeito oposto ao desejado (BERGALA, 2008). A força dos filmes menores e intimistas vem da iniciativa de treinar e aguçar o gosto do espectador para esses filmes em vez de simplesmente incitá-lo a odiar os *blockbusters* de Hollywood.

O cinema, agregado às artes, pode, em sala de aula, servir como um **potencializador** do conteúdo apresentado em outras disciplinas. Dada sua natureza de linguagem, visto que possui seus códigos particulares, e constantemente flerta com todas as outras artes, e, conseqüentemente, com seus contextos culturais, sociais e históricos.

Assistir a um filme também é uma experiência estética, pois somos atingidos por diversos elementos visuais e sonoros que foram manipulados para causar determinadas sensações. Essas sensações podem não ser exprimíveis em palavras, mesmo que um filme trate de algum assunto bastante compreensível. Isso acontece porque estamos no campo da estética, um campo sem regras ou barreiras; um campo tão perigoso quanto maravilhoso. Por meio de um filme, mesmo que sem palavras, podemos incitar uma pessoa a sentir medo, coragem, amor ou ódio, mesmo sem consciência plena desse espectador.

Ao mesmo tempo, compartilhar uma experiência coletiva de foco e contemplação por mais de uma hora é um gesto que possui certa transcendência, como um ritual religioso. O ritual também depende do conteúdo, mas o estímulo à empatia, à atenção, à inteligência, à reflexão e ao respeito nunca deve ser ignorado. Em uma sociedade de consumo cada vez mais acelerado e fugaz, o sossego e a receptividade que encontrávamos na arte torna-se necessário, e o gesto de contemplação prolongado pode e deve ser valorizado (PAGLIA, 2014). No entanto, contemplar um filme não é ir ao cinema, ficar comendo pipoca e consultando novos comentários no celular – hábito que se torna corriqueiro hoje. O foco e a atenção exigem esforço dos espectadores; mas, desde que efetivamente se disponham a vivenciar a experiência proposta, serão recompensados pelas obras de boa qualidade – sejam filmes, livros, músicas, espetáculos quaisquer.

2 METODOLOGIA

A pesquisa sobre a educação audiovisual possui finalidade exploratória. Num primeiro momento, foi utilizado o procedimento de pesquisa bibliográfica, buscou-se definir linhas sólidas a se seguir na análise e interpretação da estética cinematográfica. Depois, averiguou-se a compreensão do panorama do audiovisual relacionado à educação, por meio de obras que relatavam experiências que já foram realizadas e estudos de casos de projetos bem-sucedidos.

Em um segundo momento, utilizou-se o método de pesquisa *survey* para realizar um levantamento quantitativo de amostragem não probabilística tipificada, para confirmar a hipótese de que o audiovisual é utilizado em sala de aula, mas não de forma efetiva, limitando-se a ilustrar o conteúdo de diversas disciplinas, mas nunca se atendo à sua própria forma.

Para fins de melhor direcionamento e foco da pesquisa, optamos por realizar nossa pesquisa teórica a partir da teoria do cinema. Além de contarmos com uma bibliografia da qual outras formas de audiovisual (como os vídeos do YouTube) ainda carecem, afunilamos o escopo do projeto, já que o audiovisual é algo muito amplo e abrange diversas formas e formatos.

O questionário possui nove perguntas e foi legitimado por três pesquisadores que trabalham em áreas relacionadas a este projeto:

1. Ana Dillon – Projeto Imagens em Movimento;
2. Pedro Plaza Pinto – Universidade Federal do Paraná (UFPR);
3. Solange Stecz – Universidades Estadual do Paraná (UNESPAR).

Após o processo de validação, o questionário foi aplicado a quinze professores do ensino fundamental e médio, de escolas de Curitiba e região metropolitana. As perguntas submetidas aos educadores buscaram informações sobre os interesses particulares dos professores em relação ao cinema, seus níveis de conhecimento, quais as utilizações do cinema em sala de aula, os objetivos dessas exibições e os resultados alcançados; além da breve análise do professor em relação à interação com os alunos e ao que seria necessário para uma melhor utilização do cinema em sala de aula. As nove perguntas estão presentes no Apêndice A, ao final deste artigo.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A hipótese estabelecida é confirmada com a maioria dos professores utilizando o cinema em sala de aula. Dos quinze profissionais que responderam ao questionário, catorze afirmaram já terem utilizado o cinema em sala de aula.

Com uma média de 8,9 anos de carreira, 93% dos professores demonstraram interesse pelo cinema. No entanto, 74% deles julgam que seu próprio conhecimento sobre cinema é mediano; 73,3% afirmam já terem utilizado o cinema como suporte a uma disciplina – ficou claro que comumente a obra cinematográfica utilizada é exibida apenas em trechos, para ilustrar outros conteúdos, mas não é usada para se falar sobre o próprio conteúdo audiovisual ali exposto.

Para os professores, é positiva a reação dos alunos que realizam atividades que envolvem a exibição e a interação com filmes. Na visão dos educadores, o uso do cinema em sala de aula é interessante, mas a falta de tempo, de recursos técnicos e de interdisciplinaridade são fatores determinantes para que a iniciativa se atenha sempre a uma abordagem rasa.

Os resultados obtidos encontram-se ao final deste artigo, no Apêndice B.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja, sem dúvidas, outras alternativas e pontos de vista a respeito do audiovisual na educação, esta pesquisa optou por defender o uso do cinema como uma arte própria. A resistência institucional, comum a qualquer novo modelo, faz com que as possibilidades de utilização do audiovisual em sala de aula, para construir indivíduos cujo olhar crítico e criativo cruze as limitações ainda hoje existentes, caminhe a passos lentos. Assim como observa Bergala (2008), o audiovisual, no caso do cinema, se trata de uma arte que naturalmente é um elemento anárquico que causa perturbação em qualquer estrutura institucional. Portanto, é sistemática a dificuldade em delimitar seu uso da mesma maneira que fazemos em relação às outras disciplinas tradicionais.

Além da essência perturbadora, o audiovisual pede a qualificação do professor para a utilização em sala de aula, já que é evidente que sem o conhecimento necessário sobre todas as suas possibilidades estéticas, dificilmente se sairá do lugar comum do uso ineficaz dessa mídia, limitando-se a mero instrumento de suporte às outras disciplinas.

A escassez⁴ de licenciaturas de cinema no Brasil faz com que essa qualificação tenha que ser pensada além de um curso superior de ensino.

Enquanto as instituições de ensino não se adequam, os alunos continuarão a traçar um caminho autônomo de conhecimento e percepção do audiovisual. Ronda o perigo de eles desenvolverem uma cultura própria, sem o devido direcionamento, repleta de ideologias tão indobráveis que se torne ainda mais difícil a educação institucional intervir.

A proposta governamental da obrigatoriedade da exibição de filmes em sala de aula sem dúvidas contribui para a busca da educação do olhar do aluno, mas essa iniciativa por si só não se sustentará sem o devido planejamento e estruturação, considerando-se não apenas a qualificação profissional como também questões estruturais e metodológicas do ensino fundamental e médio, de escolas públicas e privadas. Os pormenores e os desafios da educação não podem ser mensurados somente por uma lei, pois fica claro que além da teoria, em todos os âmbitos da educação, é essencial a experimentação prática em sua totalidade para alcançar resultados claros, objetivos e esclarecedores.

⁴ Os cursos de graduação em cinema e audiovisual no Brasil oferecem titulação de bacharel, à exceção do curso da Universidade Federal Fluminense, que oferece licenciatura.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. et al. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 2005.

AUMONT, J.; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão de cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; UFRJ, 2008.

BRASIL. Lei n. 13.006, de 26 junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BORDWELL, D.; THOMPSON, K. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da USP, 2013.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CHRISTENSEN, O.; TUFTE, B. Mídia-educação: entre a teoria e a prática. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 97-118, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/13133/12293>>. Acesso em: 1 maio 2015.

FERRO, M. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

IMAGENS em movimento. **O projeto**. Disponível em: <<http://imagensemovimento.com.br/o-projeto>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

LEMOS, S. Nativos digitais X aprendizagens: um desafio para a escola. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2015.

MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

OLHAR Digital. **Internet 4G brasileira é mais rápida que nos EUA e no Japão**. 13 mar. 2015. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/internet-4g-brasileira-e-mais-rapida-que-nos-eua-e-no-japao/47333>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

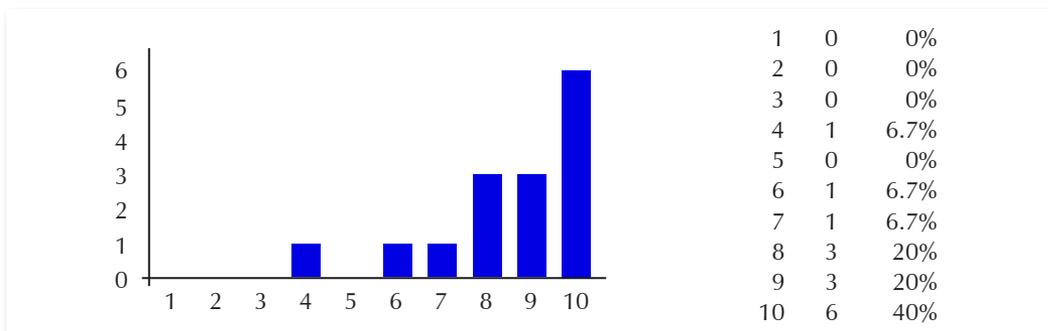
PAGLIA, C. **Imagens cintilantes**: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

APÊNDICE A – PERGUNTAS REALIZADAS NA PESQUISA

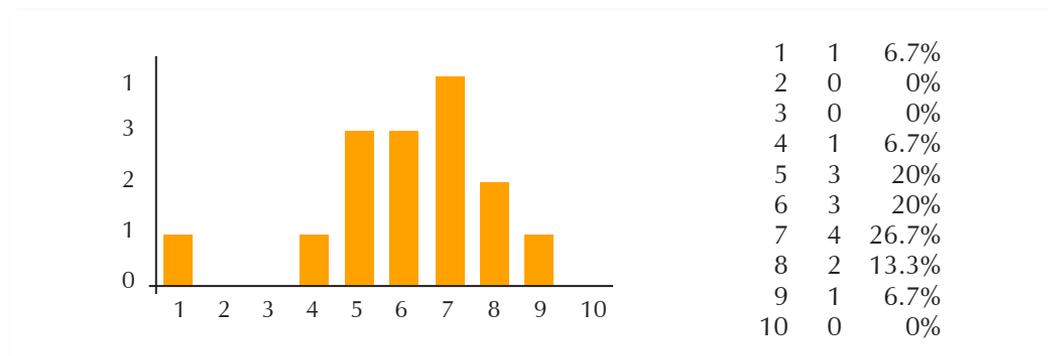
1. Em uma escala de 0 a 10, qual é o seu interesse por cinema?
2. Em uma escala de 0 a 10, como você julga seu conhecimento sobre cinema?
3. Já exibiu filmes em sala de aula como suporte à disciplina?
- 3.1 Se já exibiu filmes em sala de aula como suporte à disciplina, justifique seu(s) motivo(s):
4. Em sua disciplina, já fez alguma atividade de produção audiovisual?
- 4.1 Se já fez alguma atividade prática com audiovisual em sua disciplina, descreva a atividade:
- 4.2. Se já fez alguma atividade prática com audiovisual em sua disciplina, como foi a reação e interação dos alunos?
5. Como você enxerga a possibilidade de utilização do cinema em sala de aula: Desinteressante, Interessante ou Indiferente? Se possível, justifique.
6. O que julga ser necessário mudar para melhor aproveitar a utilização do cinema em sala de aula?

APÊNDICE B – RESULTADOS OBTIDOS

1. Em uma escala de 0 a 10, qual é o seu interesse por cinema?



2. Em uma escala de 0 a 10, como você julga seu conhecimento sobre cinema?



3. Já exibiu filmes em sala de aula como suporte à disciplina?

Sim	14	93.3%
Não. Pule para a questão 4.	1	6.7%

3.1 Se já exibiu filmes em sala de aula como suporte à disciplina, justifique seu(s) motivo(s):

- Nunca o filme todo, sempre fazendo recortes.
- Filmes curtos de *stopmotion*.
- Para trabalhar com conteúdos que aparecem em partes do mesmo.
- Documentários, trechos de filmes e músicas.
- História da Física.
- Relação a adaptações de livros literários.
- Sempre exibiu com legendas para que os alunos tivessem contato com língua inglesa. O conteúdo do filme foi cobrado em forma de interpretação em forma de questionário, escrita de sinopse, ou relato oral.

- Sobre o acidente nuclear em Goiânia e documentários sobre Chernobyl.
- Trabalho com a seleção de filmes realizada no contexto do dispositivo pedagógico “Cinema, cem anos de Juventude”, coordenado pela Cinemateca Francesa.
- Trabalhei seres vivos, diversidade cultural e vegetal. Formação da sociedade.
- Acesso à língua alvo – no caso do trabalho com língua estrangeira; – acesso a produtos/construtos culturais – no caso do trabalho com língua materna e estrangeiras; análise de interações – língua e cultura (sob a perspectiva de língua vista como cultura); – análise da construção da narrativa – modo de contar histórias – em todos os âmbitos, mas especialmente nos Cursos de Letras.
- Filmes que ilustram e complementam o conteúdo estudado. Filmes com propostas artísticas interessantes para promover debates, produções de texto e atividades interativas.
- Para as aulas de inglês.
- Geralmente para problematizar questões relacionadas ao que estudamos e também como forma de aproximar os alunos da linguagem cinematográfica.

4. Em sua disciplina, já fez alguma atividade de produção audiovisual?

Sim	11 – 73.3%
Não. Pule para questão 5.	4 – 26.7%

4.1 Se já fez alguma atividade prática com audiovisual em sua disciplina, descreva a atividade:

- Os alunos como protagonistas de determinados assuntos.
- Processo de divisão celular
- Alguns curtas.
- Paródias musicais, telejornais e teatro.
- Os alunos produziram vídeos recontando histórias já conhecidas, ou produzindo suas próprias histórias.
- Exercícios experimentais de filmagem. Produção de curtas-metragens de ficção.
- Descrever a diversidade cultural presente no filme.
- Pequenos vídeos feitos por estrangeiros ou brasileiros, descrevendo espaços, pessoas, gostos, lugares de que gostam. Objetivo: construir vocabulário; imaginar que há público (como se eles fossem “vlogueiros”). Os trabalhos foram simples.

- Filme *O carteiro e o poeta* – produção de texto de cartas, trocadas entre as turmas da instituição de forma anônima. Filme *Escritores da liberdade* – leitura e discussão sobre o processo de aprendizado. Filme *Sociedade dos poetas mortos* – complementação dos estudos do período Barroco (Carpe Diem). Curta-metragem *Os fantásticos livros voadores* – utilizado no início do ano letivo, na primeira aula de literatura. Filmes de obras literárias para auxiliar na leitura.
- Os alunos gravaram entrevistas em inglês entre eles, representado um programa de do tipo **Talk show**.
- Vídeos sobre releituras de obras literárias

4.2 Se já fez alguma atividade prática com audiovisual em sua disciplina, como foi a reação e interação dos alunos?

- Foi uma ótima experiência e de grande aprendizado, o aluno sente-se parte do processo aprendizagem.
- Acharam bastante interessante a técnica.
- Assim como em todas as atividades diversificadas, lúdicas e práticas, a interação foi fantástica.
- Ficaram muito motivados.
- Os alunos estavam bastante motivados.
- Difícil responder esta pergunta, pois já trabalhei com muitos grupos, de perfis diferentes, ao longo de 5 anos. Não há uma resposta que se aplique a todos. Mas em geral, a reação é bastante positiva e há um retorno muito interessante por parte dos alunos.
- Foi interessante. Se interessaram bastante.
- Em geral, os alunos são/eram jovens e aderem/aderiam facilmente às propostas.
- Os alunos sempre apresentam boa interação com propostas que tenham filmes, música ou vídeos. Além de sair um pouco da rotina de sala de aula, aproxima os alunos da linguagem artística e de outras interpretações para os mais variados temas.
- Os alunos se envolveram bastante e corresponderam às expectativas, minha e deles.
- Geralmente eles têm resistência no início, mas depois se empolgam e gostam bastante.

5. Como você enxerga a possibilidade de utilização do cinema em sala de aula: Desinteressante, Interessante ou Indiferente? Se possível, justifique.

- Interessante.
- Interessante. Principalmente com alunos que são visuais ocorre resultados significativos.
- Vejo como uma ferramenta de apoio ao ensino aprendizagem.
- Interessante, pois a tela é um tipo de texto que claramente desperta interesse nos alunos. Sendo que muitos deles aprendem sozinhos por meio de celular, computador e vídeo game. Aliar o potencial da tela com as inúmeras possibilidades que a linguagem cinematográfica traz pode possibilitar ao aluno um aprendizado mais amplo e dinâmico. Mas, para isso, é preciso entender o cinema para além da função de espectador e produtor de resenhas. Isso posto, usar o cinema na sala de aula pode ser também ensinar a sétima arte aos alunos e fazer disso um aliado às disciplinas comuns. Conheço alguns casos de sucesso.
- Indiferente, pois em minha disciplina são mais interessantes o uso de simulações e atividades experimentais.
- Interessante, pois os alunos gostam e a aula é diferenciada. Porém, não há como passar o filme todo devido à falta de tempo. Assim seleciono as principais cenas.
- Interessante.
- Interesse, pois aulas diferentes tendem a chamar a atenção dos alunos.
- Interessante. Ver nossos objetivos em www.img-mov.com.br.
- Interessante.
- Muito interessante. O cinema pode ser explorado em sala de aula de diferentes formas e níveis de profundidade dependendo do nível de escolarização, da proposta da aula (do programa), do interesse dos alunos. É possível, inclusive, produzir um curta, por exemplo. Isso passa por diversas fases e em boa parte delas há o trabalho com a linguagem.
- Interessante. Auxilia no aprendizado, uma vez que nem todos os alunos aprendem da mesma forma. Complementa os estudos e possibilita um momento diversificado.
- Interessante, mas não acredito que seja necessário exibir um filme completo. Trechos de filmes podem provocar o debate e ser um importante estímulo ou recurso nas aulas.
- Interessante e necessária. Acho que o cinema é algo que pode contribuir muito para as discussões em sala de aula, bem como a possibilidade de ampliar a leitura crítica dos alunos.

6. O que julga ser necessário mudar para melhor aproveitar a utilização do cinema em sala de aula?

- É necessário sempre um planejamento, sempre trabalhar com recortes em sala e depois um debate sobre o assunto sempre é bem-vindo.
- Tempo. Esse tipo de atividade demanda muito tempo dos alunos, sendo que o trabalho em sala de aula fica inviabilizado.
- A classificação dos filmes por possíveis conteúdos que podem ser trabalhados.
- Acho interessante uma objetividade maior em relação a um determinado conteúdo.
- Desenvolver oficinas de roteiro e produção de cinema dentro da escola.
- O principal problema é o tempo. Então se for para assistir ao filme todo, deve-se fazer uma interdisciplinaridade para que o filme seja utilizado em várias disciplinas.
- Apresentação prévia sobre os pré-requisitos para a produção de filmes.
- Ainda não sei informar, pois nunca fiz uma avaliação com base no que foi passado nos filmes, usei apenas como forma lúdica.
- Viabilizar a formação de professores da rede pública para uma abordagem teórica, prática e criativa da linguagem audiovisual. Mecanismos de fomento público para projetos independentes que promovam esta experiência.
- Melhorar os meios tecnológicos da escola.
- Equipamentos que funcionem e estejam disponíveis; acesso a diferentes filmes e estudos sobre eles; análise dos filmes e propostas de atividades que se integrem ao programa do curso/da disciplina; vontade das pessoas para trabalhar com esse construto/produto cultural/com esse tipo de arte.
- Mudar o conceito que liga a aula vaga, ou aula sem conteúdo, à aula de exibição de filme.
- Recurso multimídia nas salas de aulas das escolas públicas brasileiras.
- As escolas precisam de suporte tecnológico. É difícil trabalhar com cinema quanto acabamos tendo que nos estressar com caixas de som que não funcionam, por exemplo. É preciso maior investimento também na formação de professores que às vezes usam filmes com o pretexto de não precisarem dar aula. Lamentável.